



Capela de Nossa Senhora da Piedade.

D. Francisco de Castelo Branco, Quinta da Póvoa, 1548.

Em Julho de 1548, D. Francisco de Castelo Branco, Senhor de Vila Nova de Portimão e Camareiro-mor de D. João III, sucumbira a uma desconhecida enfermidade, estando circunscrito aos seus aposentos, num luxuoso palácio de família em Lisboa. Sentindo o tempo a esgotar-se, mandara lavrar o seu testamento. Neste, D. Francisco ordenava como deveria ser administrado o seu património, quem seriam os seus herdeiros, como seriam liquidadas as suas dívidas. Entre as várias disposições que foi indicando, surge uma em que o aristocrata decide legar ao seu herdeiro, e futuro administrador do morgadio da Póvoa, a sua terça. Uma parte desta deveria ser empregue na compra de um padrão de juro, que teria como finalidade o pagamento a um capelão que rezasse, perpetuamente, uma missa diária, na ermida de Nossa Senhora da Piedade, por alma de D. Francisco, da sua primeira mulher, D. Francisca de Meneses, e D. Maria de Castro, sua esposa ao momento. Como suplicava o testador: “lhe peço pelo amor de nosso senhor que assim o queira fazer como nele testamento fica declarado, e assim o façam sempre porque nossa Senhora lhes dará o galardão do que nisso fizerem” (BNP, ACVB, cx. 8, doc. 18, fl. 55v-56).

Representante de uma linhagem que subira aos mais altos cargos cortesãos e tendo o seu pai gozado de grande proximidade junto de D. Manuel, Francisco viveu num contexto diverso. Ressentido da influência crescente do valido de D. João III, D. António de Ataíde, Conde da Castanheira, e sentindo-se desvalorizado pelo monarca, refugiou-se na sua propriedade, à beira do rio Tejo, durante largas temporadas (DUARTE, 2022, pp.52 - 57). Aí, ao longo das décadas de 30 e 40 do século XVI, D. Francisco dirigiu um conjunto de iniciativas de renovação da cabeça do seu morgadio, a quinta da Póvoa. Entre as outras obras paradigmáticas, podem ser apontadas a criação dos jardins que envolviam o paço, a construção do oratório de S. Jerónimo, a edificação de uma gruta que envolvia um conjunto escultórico referente à lamentação da morte de Cristo (hoje, Lapa do senhor morto), e da ermida de Nossa Senhora da Piedade. Estas últimas construções foram, aliás, reivindicadas pelo Senhor de Vila Nova através da colocação de um brasão com as suas armas e as da sua primeira mulher, nas paredes de dois desses edifícios; e da criação de uma placa de pedra, hoje inserida na fachada da ermida, na qual dois homens rústicos seguram um letreiro em que surge indicado que “este oratório de Nossa Senhora da Piedade com todo o mais edifício desta quinta” fora levantado, por D. Francisco, em 1531 (hoje situado na fachada da ermida; MANGUCCI, 1998, pp. 33-59).

A ermida fora construída a alguma distância do paço, envolvida pelos arvoredos, pomares e tanques, convidando o bucolismo do lugar ao recolhimento e à reflexão espiritual. Todavia, esse cenário de despojamento não impediu que o seu interior estivesse condignamente recheado de importantes peças de arte sacra, reflectindo o estatuto social do fundador do templo. Tal torna-se ainda mais significativo, quando se percebe que esta não era a capela principal dos Senhores de Vila Nova, que mantinham o seu panteão no interior da igreja de S. Martinho, junto ao palácio de Lisboa (BNP, ACVB, cx.9, doc. 11).

A leitura de um rol de bens que D. Francisco vinculava ao morgadio da Póvoa, e de um inventário feito após a sua morte, permite-nos saber que entre os bens pertencentes à ermida da sua quinta se encontravam, por exemplo, várias peças de prata, paramentos feitos com tecidos luxuosos, um retábulo em que figurava Nossa Senhora da Piedade, mandado fazer na Flandres, e até uma biblioteca em que se achavam os quatro volumes da obra *Vita Christi*, editada, em 1495, por Valentino Fernandes e Nicolau de Saxónia, sob a protecção da Rainha D. Leonor, esposa de D. João II (BNP, ACVB, cx. 8, doc. 18, fls. 57v, 70v - 72).

A ermida de Nossa Senhora da Piedade foi-se tornando, progressivamente, durante os séculos seguintes, local de culto popular. Foram imputados vários milagres à padroeira do pequeno templo, razão pela qual o seu interior estaria, no começo do século XVIII, totalmente preenchido por *ex-votos* de fiéis reconhecidos à sua protectora (SANTA MARIA, 1707, Tomo I, pp. 452-453). Entre os finais do século XVII e os inícios do século XVIII, no seguimento de uma promessa feita a Nossa Senhora da Piedade, os 4.ºs Condes de Vila Nova, D. Luís de Lencastre e D. Madalena de Noronha, mandaram construir nova ermida, nos limites da sua quinta da Póvoa. Só em 1729, já sob a égide do seu herdeiro, o Conde D. Pedro de Lencastre, foi o novo edifício aberto ao culto. Como declara Frei António da Conceição, capelão da quinta da Póvoa, em 1729, ambos os Condes, D. Luís e D. Pedro, continuaram a tradição de celebrar, anualmente, a festa por Nossa Senhora da Piedade, que se realizava após “a festa do espírito santo” (ANTT, Casa de Abrantes, n.º 167, doc. 3254). Ainda hoje, são celebradas festividades dedicadas à mesma padroeira na Póvoa de Santa Iria.

Fábio Duarte

Coordenação: Rita Sampaio da Nóvoa

FONTES E BIBLIOGRAFIA

ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO, Casa de Abrantes, n.º 167, doc. 3254.

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, Arquivo de Família dos Botelhos de Nossa Senhora da Vida (Condes-Viscondes do Botelho), cx. 8, doc. 18; cx.9, doc. 11.

SANTA MARIA, Frei Agostinho de - Santuario mariano e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente aparecidas, em graça dos pregadores, & dos devotos da mesma senhora. Tomo I. Lisboa: Oficina de António Pedroso Galvão, 1707.

DUARTE, Fábio - Herdar, Legar e Registrar: o arquivo e o Tombo do Cartório da Casa de Vila Nova de Portimão. Lisboa: FCSH-UNL, 2022. Dissertação de mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos.

MANGUCCI, Celso - A Quinta de Nossa Senhora da Piedade: História do seu Palácio, Jardins e Azulejos. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 1998.